

GÊNEROS DIGITAIS E A HIPERTEXTUALIDADE

Flávia Sílvia Machado FERRAZ¹

RESUMO: Os gêneros discursivos digitais potencializam o mecanismo hipertextual de remissão entre enunciados por meio da seleção de *links* que operam. Verifica-se que as relações dialógicas estabelecidas por esses nós eletrônicos nos enunciados digitais são bastante específicas e elevam a hipertextualidade a um patamar de modalidade dialógica ao lado da intertextualidade. É o que procura demonstrar este artigo, cujas bases teóricas fundamentam-se nos estudos do Círculo bakhtiniano, por meio de um *corpus* constituído de artigos e reportagens digitais de divulgação científica da revista eletrônica *Com Ciência*.

PALAVRAS-CHAVE: Círculo de Bakhtin. Dialogismo. Hipertextualidade. Gêneros digitais. *Link* eletrônico. Divulgação científica.

Introdução

A tecnologia de armazenamento digital de dados propiciada com o advento da internet gerou novas perspectivas aos estudos dos enunciados e dos gêneros. O debate acerca dos aspectos linguísticos e discursivos é de diversas ordens. Marcuschi (2004) contempla os aspectos linguísticos do hipertexto digital; Lévy (1999) aponta a internet como espaço sócio-cultural de interação entre sujeitos, o ciberespaço; enquanto Possenti (2002) faz cétricas considerações a respeito dos percursos de leitura do hipertexto.

Entre as questões instauradas acerca da internet, destacam-se, em razão dos objetivos deste artigo, a migração dos gêneros pertencentes a veículos impressos à rede, dimensão que tem sido pouco discutida frente à emergência de gêneros que caracteristicamente incorporam a tecnologia digital de forma mais latente, tal como o e-mail, o chat, o blog, entre outros. Além disso, o

1 Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), Universidade de São Paulo USP, São Paulo, SP, Brasil. fsm19@hotmail.com

estudo de tais gêneros não emergentes contribui igualmente para a observação da constituição dos gêneros digitais. Logo, a questão que se coloca é a seguinte: de que forma esses gêneros digitais selecionam e aproveitam o *link* eletrônico no hipertexto digital e contribuem para o estabelecimento de uma modalidade distinta de dialogismo, a hipertextualidade?

A partir dessa reflexão, este artigo visa a apresentar os resultados de uma pesquisa maior feita a partir dos gêneros de divulgação científica (doravante DC) veiculados no *site Com Ciência*, sob a luz da teoria do Círculo de Bakhtin. As noções de dialogismo e gêneros discursivos foram centrais à análise empreendida. A escolha do *corpus* privilegiou uma publicação de divulgação científica que existisse somente no meio digital, do qual foram selecionados os gêneros artigos e reportagens de divulgação científica.

O *site Com Ciência* autodenomina-se uma revista eletrônica e veicula reportagens especiais mensais, os chamados dossiês, produzidas pelos alunos do curso de pós-graduação em jornalismo científico oferecido pelo LabJor (laboratório de jornalismo) da UNICAMP. A saber, as reportagens especiais – ou dossiês – escolhidas foram Energia Nuclear, de 2000 (em *Energia Nuclear: custos de uma alternativa*); Clonagem, de 2002 (em *Clonagem: a dessacralização da vida*); e Células-tronco, de 2004 (em *Células-tronco*). Na época de sua publicação, esses assuntos dos dossiês temáticos obtiveram certa repercussão em esferas da sociedade, que não somente a científica e foram alvo de notável debate e discussão em outras mídias.

Nesta pesquisa, a internet foi concebida a partir da articulação da teoria de Lévy (1999) com a noção de esfera do Círculo. Com isso, tomou-se a internet como um espaço de comunicação que comporta diferentes esferas de atividade humana, a partir das quais se desenvolvem os mais variados gêneros discursivos.

A categoria descritiva da análise foi o *link* eletrônico, elemento característico dos enunciados digitais. Os *links* eletrônicos recortados no *corpus* foram selecionados e divididos em três níveis distintos de remissão. Considerando a hipótese de que os diferentes planos de remissão seriam relevantes para o estudo dos dados, a análise da pesquisa configurou-se em dois momentos. O primeiro buscou verificar a ocorrência dos diferentes tipos de remissão em cada dossiê, enquanto o segundo momento da análise centrou-se na questão do aproveitamento dos *links* eletrônicos pelos gêneros artigo e reportagem.

Este artigo está dividido de forma a percorrer, inicialmente, os fundamentos teóricos da teoria do Círculo, a saber, as categorias conceituais gêneros discursivos e dialogismo. Em seguida, apresentar-se-á a hipertextualidade como modalidade distinta de remissão dialógica.

Finalmente, para a análise do *corpus* procurou-se verificar, de modo comparativo, o funcionamento dos gêneros artigo e reportagem digital. A fim de se chegar à análise comparativa quanto ao aproveitamento do *link* nos gêneros selecionados, na etapa inicial da análise, os *links* eletrônicos recortados no *corpus* foram divididos em três níveis distintos de remissão. As três instâncias de remissão encontradas no *corpus* possibilitaram o seguinte levantamento:

- Remissão dialógica hipertextual por meio de *links* eletrônicos entre enunciados do mesmo dossiê;
- Remissão dialógica hipertextual entre enunciados do mesmo *site* (sendo o enunciado *A* interno ao dossiê, ligando-se ao enunciado *B* externo ao dossiê, mas interno ao *site Com Ciência*);
- Remissão dialógica hipertextual entre enunciados do dossiê a enunciados de *sites* externos (em que o enunciado *A* interno ao dossiê e, conseqüentemente ao *site*, liga-se a enunciados de outros *sites* que não o *Com Ciência*).

Perante o levantamento dos três níveis de remissão dialógica hipertextual, a análise centrou-se na questão do aproveitamento dos *links* eletrônicos pelos gêneros artigo e reportagem. Verificou-se que as relações semânticas estabelecidas pelos diferentes níveis de remissões hipertextuais são orientadas pelos gêneros em que se inserem, bem como cumprem as funções propostas pela DC, aproximar o público de não especialistas em assuntos específicos da esfera científica.

Gêneros do discurso, dialogismo e hipertextualidade

Para que se entenda a hipertextualidade como uma modalidade de relação dialógica entre enunciados, serão considerados dois aspectos centrais da teoria de linguagem proposta pelo Círculo de Bakhtin: (i) gêneros do discurso e (ii) dialogismo. A partir do primeiro, verificar-se-á o processo de

constituição dos gêneros discursivos digitais e de seus elementos constituintes. Em seguida, retomar-se-á a questão do dialogismo, capacidade inerente aos enunciados, e sua relação com a dinâmica remissiva estipulada pelos *links* eletrônicos.

O ponto de partida é a consideração de que todo enunciado, em sua modalidade escrita ou oral, obedece às coerções do gênero discursivo e, conseqüentemente, da esfera de que faz parte. O enunciado em suas diferentes formas [relativamente] estáveis e típicas, ao contrário das formas da língua – em sua estabilidade, coerção e normatividade – estabelece diferentes gêneros do discurso.

A fim de que as condições e as finalidades suscitadas por cada esfera sejam concretizadas, os enunciados, ou melhor, os tipos relativamente estáveis de enunciados, obedecem à recorrência de três fatores constitutivos que compõem os gêneros discursivos: o estilo, o conteúdo temático e a forma composicional. Assim, os enunciados, por meio dos gêneros discursivos, correspondem à concretização da língua em diferentes situações sociais mediante ao processo de interação verbal.

A variedade dos gêneros discursivos é imensa, indo “das esferas impublicáveis do discurso interior às obras de arte e aos tratados científicos” (BAKHTIN, 2003[1977], p. 324). Em seu texto dedicado à questão dos gêneros, Bakhtin define os seus elementos constitutivos:

[...] todos esses três elementos — o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional — estão indissolúvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis de enunciado*, os quais denominamos *gêneros do discurso*. (1952, p. 53 / 2003, p. 261)

Os três elementos que constituem os gêneros discursivos – conteúdo temático, estilo e forma/construção composicional – são complementares entre si e apresentam especificidades provenientes de cada esfera em que estão inseridos. Esses fatores conferem aos enunciados o seu caráter estável.

O conteúdo temático ou dimensão semântica do gênero é desenvolvido nos estudos iniciais, sobretudo na obra *The formal method in literary scholarship*, em que Bakhtin/Medevdev (1991[1928]) afirma que os gêneros possuem capacidade de definir diferentes aspectos da realidade. Ou seja, cada

gênero possui a capacidade de definir seus princípios de seleção, formas de ver e conceitualizar a realidade. Segundo Bakhtin/Medvedev (1991[1928], p. 134) “[...] a consciência humana possui uma série de gêneros internos para ver e conceitualizar a realidade. Uma dada consciência é mais rica ou mais pobre em gêneros, dependendo de seu ambiente ideológico”.² Isto é, a consciência humana vale-se dos gêneros para lidar com a realidade. Participam de sua construção tanto elementos estáveis da significação quanto elementos extraverbais que integram a situação de produção, recepção e circulação.

O segundo componente dos gêneros do discurso apresentado é o estilo. Este refere-se à individualidade de expressão de cada autor ou dos diferentes tipos de enunciados, por meio da seleção dos recursos lexicais e sintáticos de um sistema linguístico. Segundo Bakhtin, em *Estética da criação verbal* (1952-53/2003), “o enunciado – oral e escrito, primário e secundário, em qualquer esfera da comunicação verbal – é individual, e por isso pode refletir a individualidade de quem fala (ou escreve)” (p. 283). Sendo o estilo elemento integrante do gênero discursivo, muitas vezes, o estilo individual não transparece ao estilo genérico. Alguns gêneros são mais suscetíveis a refletir a individualidade do enunciado do sujeito falante que outros, como é o caso dos gêneros literários, por exemplo.

O último elemento do gênero discursivo a ser definido é a forma composicional, que diz respeito ao tipo de estruturação que um enunciado assume de acordo com o gênero ao qual pertence. A forma composicional está ligada a uma “forma padrão e relativamente estável de estruturação de um todo”, segundo Bakhtin (1952, p. 53/2003, p. 301) e pode ser considerada o seu elemento mais característico.

Ou seja, segundo o processo de desenvolvimento das diferentes áreas de atividade humana da sociedade, as formas de linguagem tendem a seguir o mesmo processo, gerando e modificando os gêneros discursivos.

Os gêneros digitais são reflexo da complexificação das esferas perante o advento da internet, cujos enunciados apresentam características tais como encurtamento dos textos, uso de *links* eletrônicos, uso da hipermídia, diferente aproveitamento de infográficos, entre outros. O desenvolvimento acelerado e o uso cada vez maior dos gêneros digitais devem-se, entre outros fatores, à interatividade proporcionada pela velocidade de trânsito das informações na

2 “human consciousness possesses a series of inner genres for seeing and conceptualizing reality. A given consciousness is richer or poorer in genres, depending on its ideological environment”.

rede que acontece não só de um internauta para com um texto, mas, também, de um internauta para outro, ou seja, entre indivíduos.

A natureza dos gêneros discursivos em meio digital pode ser diferenciada de acordo com os elementos midiáticos incorporados, sendo possível a seguinte distinção: (i) gêneros digitais emergentes e (ii) gêneros digitais importados de outras mídias. No primeiro item, é possível considerar gêneros que, apesar de serem transmutações de gêneros pertencentes a outras mídias, ocorrem exclusivamente na internet, por exemplo, o e-mail, o blog, etc. O segundo item corresponde a gêneros que ocorrem em mais de uma mídia como, por exemplo, as reportagens jornalísticas, que ocorrem em mídia impressa, televisiva e digital.

Além disso, considerar-se-á que, mesmo ocorrendo em veículos de comunicação impressos, os gêneros tornam-se digitais no ambiente eletrônico, devido à tecnologia de armazenamento de dados do computador que é feita por meio de dígitos. Todo conteúdo armazenado e processado em um computador é considerado digitalizado. Isso ocorre uma vez que sua codificação depende de dígitos, ou seja, números. Lévy (1999) afirma que “digitalizar uma informação consiste em traduzi-la em números”.

A partir dessa distinção, os gêneros selecionados para a pesquisa, artigo e reportagem de divulgação científica da publicação eletrônica *Com Ciência*, são considerados gêneros digitais importados de outras mídias, uma vez que preservam as características de suas categorias constituintes — estilo, conteúdo temático e forma composicional — da mídia impressa. Ao mesmo tempo, utilizam os recursos da tecnologia digital, como *links* eletrônicos, hipertexto digital, sons e imagens.

O segundo aspecto conceitual selecionado para se entender a hipertextualidade é central para a teoria bakhtiniana, trata-se do dialogismo. O jogo dialógico formado pelos nós eletrônicos que interligam diferentes enunciados é uma característica marcante do hipertexto digital, pois constitui, literalmente, as réplicas de um grande diálogo. Em seguida, atreladas à noção de dialogismo, serão traçadas reflexões a partir de duas categorias descritivas que podem ser recortadas de enunciados digitais: a primeira e mais específica diz respeito ao *link* eletrônico e a seguinte e mais abrangente refere-se ao hipertexto digital.

As relações estabelecidas pelo *link* eletrônico não são puramente linguísticas, mas sim, antes de tudo, relações semânticas, de ordem dialógica. “A

relação com a coisa (em sua materialidade pura) não pode ser dialógica [...]. A relação com o sentido é sempre dialógica” (BAKHTIN, 1992 [1979], p. 327). Ou seja, a compreensão conferida ao processo dialógico não se dá apenas por conta da materialidade da língua e dos aspectos puramente linguísticos, mas se vale deles para estabelecer as relações de sentido.

O *link* eletrônico faz parte de um fragmento de um determinado enunciado, ao mesmo tempo em que recupera algum outro. Logo, o enunciado determinado como *link* eletrônico faz parte de dois planos discursivos e de sentido diferentes, porém complementares, em que será instaurado o dialogismo hipertextual. Trata-se de um fator que essencialmente indica a complexificação da linguagem na internet, pois, em contraposição aos nós discursivos presentes em outras mídias, este potencializa a face hipertextual dos enunciados na internet e nos programas computacionais.

Em sua estruturação hipertextual, os *links* remetem o interlocutor diretamente a outros enunciados que são selecionados pelo locutor. Tomando a noção de enunciado como sendo um elo na cadeia da comunicação verbal, tal como proposta pelo círculo de Bakhtin (2003 [1952], p. 53),³ temos o *link* eletrônico funcionando como um elo na cadeia da comunicação verbal digital. Mais do que ponte digital entre conteúdos, o *link* possibilita diferentes formações de sentido e a criação de novos percursos discursivos de leitura.

A possibilidade de diálogo torna-se possível porque o *link* funciona como um ponto de contato entre dois enunciados. Quando nos deparamos com um fragmento – que pode ser verbal (uma palavra ou uma sentença) ou, muitas vezes, não-verbal (tal como um número, uma figura ou um símbolo) – em forma de *link*, temos não somente parte de um enunciado que já havia sido constituído, mas também o início de um novo enunciado ou de novos enunciados.

O sentido vai sendo estabelecido na relação entre os enunciados e o indivíduo que encontrará novas significações a cada escolha de seu percurso discursivo de leitura. Neste caso, a relação de significação estabelecida pertence a um momento particular, que dificilmente se repetirá na leitura de indivíduos diferentes.

Utilizando outra categoria conceitual do Círculo, a questão do hipertexto também pode ser elucidada. Tecnicamente, o hipertexto pode ser definido como um sistema para a visualização que contém referências internas para

3 A referência remete a Bakhtin, porém representa o pensamento do círculo bakhtiniano.

outros documentos por meio de *links* eletrônicos. As abordagens linguísticas apontam para o uso do *link* como determinante para a composição da estrutura do hipertexto na internet, que foi denominado hipertexto digital.

Contudo, faz-se necessário pensar o hipertexto frente aos diferentes tipos de relações dialógicas estabelecidas entre enunciados. O dialogismo, segundo a teoria bakhtiniana, compreende a capacidade responsiva contida no interior de cada enunciado. As relações dialógicas estabelecidas entre eles podem ser implícitas, evocando o eco de outros enunciados em seu interior, ou explícitas, como a concretização do intertexto. A intertextualidade, por sua vez, traz fragmentos de outros enunciados para dentro do texto, podendo-se utilizar diferentes formas de citação e referência a outras falas e enunciados.

Ao refletir acerca do hipertexto, percebe-se que o diálogo com outros enunciados é determinado de forma distinta, não trazendo o fragmento de outros textos para o interior de um enunciado, mas utilizando-se os *links* eletrônicos. O *link* não materializa o texto citado, como faz o intertexto, mas possibilita um diálogo com outros enunciados ao remeter para fora do texto. Logo, as remissões hipertextuais a outros enunciados realizadas pelos *links* serão consideradas relações dialógicas hipertextuais.

Remissões dialógicas do *link* eletrônico nos gêneros artigo e reportagem de DC

Os gêneros discursivos na internet, que inicialmente assumiram as características dos gêneros impressos, atualmente, vêm assimilando os recursos tecnológicos dessa mídia. No entanto, apesar de fazerem aproveitamento diferente dos recursos da internet, principalmente dos *links* eletrônicos, os artigos e reportagens do *Com Ciência* parecem manter seus elementos constituintes, da maneira como elas ocorrem em enunciados da mídia impressa.

O uso do *link* eletrônico é uma novidade para a composição desses gêneros na internet, mas que não chega a gerar grandes mudanças para o estilo, construção composicional e o conteúdo temático dos mesmos. A internet não deslocou o caráter opinativo mais explícito dos artigos, ou mesmo o caráter informacional também explícito das reportagens. Entretanto, a internet potencializa, por meio de sua tecnologia, certos aspectos que podem ser explorados ou revelados no âmbito dos gêneros discursivos artigo e reportagem encontrados no *corpus*.

Artigo e reportagem digital: um estudo comparativo

Nos diferentes anos escolhidos para análise, sobretudo em relação ao ano 2000, há diferença na maneira como o *site* apresenta e elabora esses gêneros. No caso dos gêneros discursivos aqui analisados, o meio possui uma variável importante que diferencia o hipertexto digital dos demais e que o torna um elemento vital para a construção de sentido, o *link* eletrônico. Logo, buscaremos entender de que forma esse aspecto interage com os elementos constitutivos dos artigos e reportagens dos dossiês, bem como o comportamento desses gêneros em relação à internet.

Do ponto de vista da forma composicional, a categoria selecionada para observação são os *links* eletrônicos, elementos da tecnologia que diferem artigos e reportagens digitais dos impressos.

De forma geral, no dossiê *Clonagem* (2002), há uma diminuição significativa dos *links* em relação aos outros dossiês. No entanto, o fator mais importante que se pode observar, implicado pela diacronia dos dados, é o aumento de *links* em cada artigo, uma vez que passam a ser publicados com maior incidência. Em 2000 há poucos artigos e somente um deles possui *link*, se compararmos ao dossiê de 2004.

Aparecendo com mais frequência nos artigos em 2002 e 2004, o *link* deixou de lado o caráter primordialmente organizacional que possui na primeira etapa dos dossiês (como forma de sequenciação textual, por exemplo) para fortalecer a construção de sentido estabelecida no diálogo com sujeitos individuais e institucionais da esfera da ciência. Há um aumento de *links* que remetem a termos especializados, o que fortalece o diálogo com a esfera científica.

As tabelas 1, 2 e 3 contemplam as categorias e a quantidade de vezes que os *links* ocorrem em cada ano, especificamente nos gêneros artigo e reportagem.

Tabela 1

Remissão a enunciados do mesmo dossiê					
2000					
Gênero	Títulos	Notas	Termo científico	Assinatura de autor	Indicador de sequência
Artigo	3	0	0	0	0
Reportagem	14	0	9	0	9
2002					
Artigo	5	0	0	0	0
Reportagem	10	0	5	0	0
2004					
Artigo	5	11	0	0	0
Reportagem	10	0	5	0	0

Tabela 2

Envio a outros textos do mesmo <i>site</i>					
2000					
Gênero	Termo científico	Autores e filmes			
Artigo	0	0			
Reportagem	0	1			
2002					
Artigo	2	1			
Reportagem	0	0			
2004					
Artigo	0	0			
Reportagem	0	0			

Tabela 3

Envio a textos de <i>sites</i> externos					
2000					
Gênero	Publicações	Termo científico	Autores	Instituições	Outros <i>Sites</i>
Artigo	0	0	3	0	0
Reportagem	0	0	0	15	0
2002					
Artigo	1	0	0	0	1
Reportagem	9	9	1	12	2
2004					
Artigo	0	0	0	0	0
Reportagem	1	9	0	6	1

Inicialmente, percebemos que, ao longo dos anos 2000 e 2004, há uma oscilação em relação ao aspecto quantitativo de *links* que remetem a textos internos de cada dossiê.

Na série sobre *Energia Nuclear* (2000), os gêneros resumem-se a artigo e reportagem. O índice não designa, como nos anos seguintes, as seções do

dossiê, sendo, portanto, mais difícil de distingui-los, guiando-se apenas pelo sumário. Por um lado, os artigos, cuja ocorrência é pequena, trazem as assinaturas e opiniões de especialistas da área em questão, por outro, as reportagens contam com figuras autoexplicativas, maior incidência de *links*, maior índice de dados históricos e numéricos.

O dossiê *Energia Nuclear* é ainda caracterizado por uma sequência textual diferente da dos demais. No final de cada reportagem e artigo, há *links* que funcionam como passagem para o texto da próxima página, isto é, como uma forma de sequenciação dos textos como em (1), (2) e (3).

- (1) Outro sinal da confusa política nuclear brasileira é a indefinição quanto ao destino dos resíduos radioativos...
- (2) Um dado importante é o crescimento da utilização de energia nuclear no mundo, nas últimas décadas...
- (3) Todas essas considerações voltam a ser objeto de debate no Brasil com a inauguração de Angra 2...⁴

O texto seguinte tratará exatamente dos ‘resíduos radioativos’, com que terminou o enunciado anterior. Esse dossiê apresenta uma série de textos, sobretudo no gênero reportagem, que parecem formar um grande e único enunciado dividido pelas páginas eletrônicas, títulos e subtítulos. Essa estratégia de sequenciação não é adotada pelos outros dossiês, cujos gêneros discursivos são bem delimitados e separados por um sumário autoexplicativo. Nos demais dossiês, o texto é mais perceptível do ponto de vista do gênero, no que diz respeito a seu conteúdo temático, composicional e estilístico.

Os artigos tendem a exibir mais *links*, em 2002, que remetem a outros gêneros do dossiê (resenha e notícia), nome de filme, títulos de publicação e expressões em geral. No último dossiê analisado, há uma novidade, notas de rodapé, fator que demonstra uma especialização da utilização dos recursos digitais para facilitar a recepção do gênero em questão.

Contudo, a incidência de *hiperlink* no gênero reportagem é esmagadoramente maior em relação aos artigos. Dentre as ocorrências, eliminan-

4 Fragmentos retirados do dossiê sobre Energia nuclear (2000).

do o próprio título das reportagens que estão sob forma de *link* eletrônico, destacam-se expressões científicas, nome de autores e de instituições em geral. A partir de 2002, incluem-se títulos de publicações externas ao *site Com Ciência*.

Quando o *hiperlink* nos remete a *sites* externos que pertencem à esfera estritamente científica, o hipertexto parece constituir um diálogo com essa esfera e dar voz ao campo da ciência. Nesse caso, o respaldo científico ou a referência de outras esferas como a política (como revela a menção ao *Greenpeace*) seria dado não somente pela voz do cientista, mas também pela instituição cujo *site* está ali sob forma de *link*, como podemos ver no fragmento em (4), (5) e (6):

- (4) Um dos principais argumentos utilizados pelos defensores das usinas nucleares é o seu baixo nível de poluição do ambiente. Segundo eles, a usina nuclear seria capaz de produzir energia elétrica “limpa”. Esta, entretanto, não costuma ser a opinião das organizações de defesa do meio ambiente, como o Greenpeace.⁵
- (5) Rudolf Jaenisch do Instituto Whitehead para Pesquisa Biomédica tem sido um feroz crítico dos esforços correntes em clonagem humana, incluindo os de Zavos.⁶
- (6) Segundo a The Scientist um ano após a decisão de Bush, nem todos os pesquisadores estavam conseguindo acesso às linhagens de células-tronco embrionárias para o financiamento público de seus experimentos e os investimentos na área eram poucos, devido às incertezas legais e políticas em torno do assunto.⁷

A presença de *links* externos, que remetem a títulos de publicações, expressões científicas, nome de autores e instituições, é grande em todos os dossiês e ocorre com maior incidência no gênero reportagem. Em 2000, há

5 Extraído da reportagem *O tratamento dado aos rejeitos radioativos*, do dossiê Energia nuclear (2000).

6 Extraído da reportagem *Políticos tentam regulamentar mundialmente a clonagem*, do dossiê Clonagem (2002).

7 Extraído da reportagem *Há controvérsia no financiamento nos EUA*, do dossiê Células-tronco (2004).

apenas remissão a autores e instituições. Ao longo do tempo, o envio a *sites* institucionais diminui bastante e o envio a nomes de autores desaparece. No entanto, é crescente a utilização do *hiperlink* sob forma de expressão científica que remete a *sites* externos.

Ao contrário da reportagem, que muitas vezes nem é assinada pelo autor, o gênero artigo é mais propício ao estilo individual. No fragmento do artigo *Transformações da energia remetem à origem do Universo* em (9), o autor utiliza uma linguagem mais poética para descrever a ocorrência da produção de energia pelos elementos da natureza, o que foge do caráter mais supostamente objetivo da reportagem. O estilo individual pode ser identificado pela escolha lexical feita pelo autor ao atrelar os verbos ‘encrespar’ e ‘varrer’ a elementos da natureza.

(7) Os ventos encrespam as águas do mar e formam ondas que varrem praias e costões rochosos num movimento incessante. É possível retirar energia das correntes marinhas e das ondas e, no futuro, certamente faremos isso melhor que agora. ⁸

Enquanto isso, nas reportagens, vê-se o uso abundante de dados históricos, estatísticos e *links* eletrônicos para a explicação de termos e fatos.

(8) De certa maneira, surgiu uma intranquilidade desde que a ovelha clonada Dolly foi apresentada há alguns anos atrás. Em janeiro de 1998, como resposta à Dolly, o Council of Europe (COE) delineou um Protocolo (Protocol on Prohibition of Cloning Human Beings) sobre a proibição de clonar seres humanos como parte da existente Convenção Europeia sobre direitos humanos e biomedicina (Convention on Human Rights and Biomedicine).⁹

A utilização dos *links* eletrônicos constitui um aspecto da forma composicional desses gêneros, mas que, ao mesmo tempo, reflete o conteúdo temático de cada um. Mesmo depois do aumento significativo de *links* eletrô-

8 Extraído do artigo *Transformações da energia remetem à origem do Universo*, por Ulisses Capozzoli, do dossiê Energia nuclear (2000).

9 Extraído da reportagem *Políticos tentam regulamentar mundialmente a clonagem*, do dossiê Clonagem (2002).

nicos em artigos, esse gênero parece não comportar o *link* da mesma forma com que o gênero reportagem. Isso pode ocorrer pelo fato de o artigo ser mais claramente autoral e, por conta disso, demarcar uma opinião, o que pode tornar as remissões exteriores ao *site* uma alternativa conflituosa para a ideia desenvolvida pelo autor.

A questão autoral torna-se ainda mais evidente nos dossiês sobre *Clonagem* (2002) e *Células-Tronco* (2004), já que há maior detalhamento do perfil de quem escreve, como em (9), o que delimita quais sujeitos pertencem à esfera científica e quais à esfera jornalística.

(9) Luís Henrique Wolff Gowdak é ex-fellow Gene Therapy Unit, Laboratory of Cardiovascular Science, National Institutes of Health, Estados Unidos — Doutor em Cardiologia pela Faculdade de Medicina da USP — Médico-Assistente do Laboratório de Genética e Cardiologia Molecular e da Unidade Clínica de Coronariopatias Crônicas do Instituto do Coração (InCor) do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP.¹⁰

Nos artigos, em (10) e (11), os autores aparecem no enunciado assumindo posicionamentos a respeito dos assuntos discutidos, respectivamente, clonagem e células-tronco.

(10) Se eu tivesse que dar um nome para essa técnica eu diria que ela é apenas mais uma dentre as diferentes técnicas de fertilização assistida, que procura unir uma célula sexual feminina enucleada com uma célula somática, isto é, uma célula não-sexual. A meu ver, a única e grande restrição que deve ser feita, no momento, à aplicação dessa técnica à espécie humana reside no fato de que, até agora, os resultados conseguidos com ela em outros mamíferos ainda estão longe de serem considerados bons.¹¹

(11) Gostaria de enfatizar que as células-tronco autólogas (do próprio indivíduo) de qualquer fonte não curam as doenças, pois não corrigem as causas da doença seja ela infecciosa, ambiental ou genética.¹²

10 Extraído do artigo *Terapia celular em cardiologia*, do dossiê sobre *Células-tronco* (2004).

11 Extraído do artigo *Nada contra a clonagem*, por Bernardo Beiguelman, do dossiê sobre *Clonagem* (2002).

12 Extraído do artigo *Célula-tronco é promessa para medicina do futuro*, por Antonio Carlos Campos de Carvalho, do dossiê sobre *Células-tronco* (2004).

Quando levanta ideias contrárias, o artigo o faz com o mesmo objetivo, constituir um pensamento, mas, desta vez, por oposição àquilo que não se julga ser coerente. Ou seja, o aproveitamento dos *links* está diretamente relacionado com o posicionamento editorial da revista em torno do assunto da esfera científica que está tratando e na maneira como cada gênero irá apresentar-se quanto aos elementos constituintes. No caso dos artigos, em que a voz do autor é mais explícita, procura-se abafar as vozes externas ao *site* e as remissões contribuem para que as ideias do autor sejam ressaltadas.

Considerações finais

Este artigo procurou refletir acerca dos gêneros digitais e da hipertextualidade, demonstrando o aparato teórico metodológico e analítico utilizado na pesquisa maior que foi motivada pela seguinte pergunta de pesquisa: de que forma os gêneros digitais selecionam e aproveitam o *link* eletrônico no hipertexto digital e contribuem para o estabelecimento de uma modalidade distinta de dialogismo, a hipertextualidade?

Buscando na teoria a definição de gêneros do discurso pesquisou-se o comportamento dos gêneros digitais selecionados no que tange ao aproveitamento do uso de *links* eletrônicos. Os aspectos relacionados à tecnologia não distanciam os artigos e reportagens digitais do *site Com Ciência* dos impressos. Sobretudo, com o passar do tempo, vê-se que, nos dossiês do *corpus* selecionado, esses gêneros vêm mantendo, cada vez mais, as características ligadas aos seus elementos constituintes.

Em seguida, a partir do entendimento sobre as relações dialógicas, foi possível analisar as relações estabelecidas pelos *links* eletrônicos. A observação das remissões dialógicas no hipertexto digital levou a uma redefinição de hipertextualidade como modalidade dialógica distinta.

Considerou-se, portanto, a hipertextualidade uma modalidade das relações dialógicas explícitas no enunciado, articulado pelo *link*, diferenciando-se da estrutura intertextual. Mais precisamente, o dialogismo estabelecido pelos *links* eletrônicos no hipertexto digital constitui relações dialógicas hipertextuais. Diferentemente da intertextualidade que se caracteriza pela inserção no corpo do texto de fragmentos de outros enunciados, as relações dialógicas hipertextuais, assinaladas pelo nó eletrônico, apontam para fora do texto.

O intuito desta análise foi dar conta do dialogismo hipertextual entre enunciados digitais instaurado pelos *links* eletrônicos. Os *links* eletrônicos analisados nos artigos e reportagens do *corpus* podem ser encontrados em três planos distintos de remissões: remissão entre enunciados pertencentes aos dossiês que compõem as reportagens especiais mensais; remissão de enunciados do dossiê a textos de outras seções do *site Com Ciência* e remissão a enunciados externos ao *site*.

Finalmente, o aproveitamento dos *links* eletrônicos nos gêneros artigo e reportagem refletiu a maneira distinta em que a hipertextualidade se faz presente. O dialogismo hipertextual por meio das remissões dos *links* é mais produtiva em reportagens do que em artigos. Isso se refere ao fato de que as reportagens estão mais propícias a intervenções dialógicas dos *links*, uma vez que em seu conteúdo temático reflete-se a tentativa de apontar a diversos fatos, dados e opiniões para que sua argumentação seja construída. Já o artigo, sendo de natureza opinativa, demonstra mais explicitamente a voz do autor. Logo, explica-se o fato de que o uso de um nó de remissão dialógica hipertextual externo não seja produtivo nesse tipo de gênero.

Primeiramente, os gêneros discursivos na internet assumiram as características dos gêneros impressos. Atualmente, os gêneros digitais vêm assimilando os recursos tecnológicos dessa mídia. No entanto, apesar de fazerem aproveitamento diferente dos recursos da internet, principalmente dos *links* eletrônicos, os artigos e reportagens do *Com Ciência* parecem manter suas categorias constituintes, estilo, tema e forma composicional, da maneira como elas ocorrem em enunciados da mídia impressa.

Sob o ponto de vista da forma composicional, o uso de *links* eletrônicos ocorre, com maior incidência, em reportagens que em artigos. Apesar do aumento do número de artigos nos anos 2002 e 2004 e, conseqüentemente, do número de *links* nestes, o aproveitamento desse recurso é bem maior nas reportagens.

Em relação ao estilo, foi visto que o artigo é um gênero mais propenso à expressão do estilo individual do autor e recorre a um registro mais informal para obter maior aproximação do leitor aos assuntos da esfera científica. O conteúdo temático do artigo revela-se mais opinativo e passível de apresentar mais marcas de subjetividade.

Enquanto isso, as reportagens são menos propícias ao estilo indivi-

dual, apagando as marcas de subjetividade de seus enunciados. Contam com mais dados históricos e estatísticos para fundamentar os posicionamentos apresentados nos dossiês. Quanto ao conteúdo temático, a reportagem tende ao caráter mais informativo e objetivo.

Diante de tais considerações sobre os gêneros artigo e reportagem, pode-se constatar que seus elementos constituintes estilo, forma composicional e conteúdo temático mantêm as características encontradas em artigos e reportagens impressos no meio digital da internet. Pode-se considerar o uso do *link* eletrônico como uma novidade para a composição desses gêneros na internet, mas que não chega a gerar grandes mudanças para o estilo e o conteúdo temático dos mesmos.

FERRAZ, Flávia Sílvia Machado. Digital genres and hypertextuality. **Revista do Gel**. São Paulo, v. 7, n. 1, p. 127-144, 2010.

ABSTRACT: *The digital discursive genres make possible the hypertextual mechanism of remission among utterances by the selection of links they operate with. It appears that the dialogical relations established by those electronic links are extremely specific and raise the level of hypertextuality to a distinct dialogical mode beside the intertextuality. This is what the present article intends to demonstrate, based on the Bakhtinian circle theory, through a corpus that consisted of digital scientific divulgation articles and reportages from Com Ciência electronic magazine.*

KEYWORDS: *Bakhtin circle. Dialogism. Hypertext. Digital genres. Electronic link. Scientific divulgation.*

Referências

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Original russo: 1952-53)

_____. O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: _____. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Original russo: 1952-53)

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L.; XAVIER, A. **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p. 13-67.

MEDEVDEV, P. **The formal method in literary scholarship**. Translated by Albert J. Wehrle. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 1991. (Original russo: 1928)

POSSENTI, Sírio. **Os limites do discurso**. Curitiba: Criar, 2002.